

Emigrantes

ANA SOTTO-MAYOR DE ALMEIDA (*)

Em *Emigrantes*, Ferreira de Castro conta-nos a história de um português, de Oliveira de Aze-meis, que emigra para o Brasil com o objectivo de enriquecer. Com 40 anos, tem mulher e filha adulta, uma casa e uma porção de terreno sua. Insatisfeito com o que possui e cobiçando umas terras vizinhas, decide partir para o Brasil:

«Mas para lá do muro, os olhos de Manuel da Bouça já não podiam ver, com alegria, os campos que se estendiam, planos, bem regados, até próximo da igreja velha. Possuílos, ser seu dono, semear e colher o milho que aloirava aos primeiros calores fortes e no Inverno, a erva dos lameiros, que formava tapetes sempre húmidos, era o seu único sonho, a grande aspiração da sua vida. Disso dependiam todos os projectos que ele formara, desde o casamento de Deolinda, não com um valdevinos sem eira nem beira, mas com um homem digno e de teres e haveres, até a velhice tranquila, numa casa grande, de telha francesa, lá em cima, nos Salgueiros – uma casa em cuja salgadeira metesse dois porcos alentejanos.» (pp. 21-22).

Embora Ferreira de Castro tivesse como intenção neste romance denunciar condições sociais e políticas que transformam os homens em *personagens que não têm lugar no mundo*, a descrição que faz do trajecto do seu personagem pareceu-nos poder constituir um eixo para a apre-

sentação de algumas vivências psíquicas que ocorrem na emigração.

Baseando-nos em trabalhos de autores psicanalistas e, nomeadamente, em Léon e Rebeca Grinberg, sobre os fenómenos psicodinâmicos presentes na experiência migratória propomos seguir Manuel da Bouça na sua aventura. Dentro desta linha teórica, a vivência migratória está directamente relacionada com o trabalho de luto que a experiência de ruptura desencadeia. A forma como evoluir esse trabalho de luto será uma das condicionantes internas do processo de integração do emigrante no novo meio.

Para Léon e Rebeca Grinberg (1984) as situações externas influem substancialmente no carácter que a migração adquire, nas consequências que pode desencadear e nas formas da sua possível elaboração. No entanto, face às mesmas circunstâncias externas, a personalidade prévia do sujeito, as suas características psicológicas predominantes e o seu momento vital determinam a qualidade da migração.

Um primeiro momento que instaura a ruptura é a tomada de decisão de partir que surge sempre de um desejo. Em Manuel da Bouça o desejo será o de enriquecer como solução para um sentimento de insatisfação e desânimo.

Manuel da Bouça sente-se insatisfeito com o que possui e pressente a necessidade de mudar: entre a mudança interna, dolorosa, que implicaria a aceitação dos seus limites e da ideia da própria morte, a perda dos ideais ou reconstrução destes, decide-se pela mudança externa acreditando na lenda de um país generoso e nutriente que a todos acolhe – o Brasil. Portugal será o

(*) Psicóloga Clínica.

país ingrato para o seu povo, avarento na paga aos que nele vivem e trabalham.

O desejo de partir, anterior e necessário à decisão de partir, pode corresponder, a um nível mais profundo, a fantasias acalentadas nos próprios mitos e que confrontam a pessoa com o seu desejo de conhecer, de procurar coisas novas, de enfrentar o seu medo daquilo que não conhece; ou pode ser o resultado de uma vivência persecutória em que o objecto de desejo não é o novo mas a fuga do conhecido – não há um projecto de migração e frequentemente associa-se-lhe a impossibilidade de regresso.

A decisão de partir obriga a um difícil processo de elaboração até que de facto essa decisão seja tomada e supõe que as pessoas se sintam capazes de tolerar a mudança a que uma migração obriga e que têm razões externas e internas válidas. Por exemplo, face à angústia que a mudança desencadeia – e que pode ser demasiado intensa para ser gerida – o indivíduo pode decidir não partir. Esta angústia pode ser devida aos próprios conflitos internos do sujeito ou estar em estreita relação com o seu sentimento de identidade acerca do mundo externo (e, concomitantemente, com o próprio sentimento de identidade do *self*).

O desejo vai tomando forma, cada vez mais próxima, na antecipação de momentos imaginados. O medo, a consciência do risco, a perda, vão surgindo, simultaneamente, à decisão tomada.

«Via-se a ele próprio dentro do navio, longe, no meio do mar – mar bravio como esse que o assombrara, uma tarde, há anos já, na praia do Furadouro. Teve um calafrio, uma sensação de morte. Sentiu-se mais leve. Mas reagiu: "Ora! Vai muita gente ao Brasil e volta e torna a ir e torna a vir e não lhe sucede nada. E não chora!"» (pp. 44-45)

A decisão de partir constrói-se, em Manuel da Bouça, numa versão grandiosa dos possíveis ganhos; afinal será capaz de conseguir o que até não pôde, num país onde trabalhar não rende: Portugal. A imaginação grandiosa do que poderá conseguir atenua inseguranças, nega perdas: não há nada a perder, só a ganhar; ele não vai para ficar mas para ficar rico e voltar. Este aspecto maníaco, ligado ao desejo de triunfo perante os outros, será um elemento constante, alternando com momentos depressivos mas em que a responsabilidade da sua perda é exteriorizada nos ou-

tros, na sorte, no destino. A vitalidade e coragem necessárias ao passo que ele deu perdem-se nesta alternância onde o lamentar se vai impondo à medida que a sua história prossegue. Manuel da Bouça é um homem submergido pela impotência face à perda.

A seguir à decisão tomada há a partilha com os outros. Manuel da Bouça passa a ser um ser diferente, espécie de herói de um sonho comum.

«Formara-se, rapidamente, em volta de Manuel da Bouça, um halo de respeito e curiosidade. Desde que decidira partir, era outro homem para o lugarejo. Enxergavam-no com outros olhos e surpreendiam-lhe uma estatura diferente daquela que até ali lhe conheciam. E ele próprio adoptara uma máscara de orgulho: os lábios mais franzidos, o bigode mais retorcido e mais sóbrios os gestos.» (pp. 31-32)

A outra face do ganho grandioso é a dor da perda:

*«– E o pai quando é que pensa partir? – perguntou Deolinda.
– Logo que estiverem prontos os papéis. Para o mês que vem...
As duas mulheres começaram novamente a chorar.»* (p. 29)

Quem imigra será o depositário das fantasias e sentimentos das pessoas que ficam; o sentimento intenso de abandono dessas pessoas poderá acentuar a sua culpabilidade e dificultar o luto inerente à mudança que sofre.

Manuel da Bouça despede-se de todos, família, amigos e vizinhos, e parte para Lisboa, rumo ao Brasil. A viagem é dura, cheia de dificuldades burocráticas e precárias condições de alojamento. No seu caminho Manuel da Bouça junta-se uma multidão de pessoas que tal como ele emigram. Sente-se acabrunhado e receoso perante a novidade. No barco conhece o Janardo, que o acompanha nas primeiras decisões. Quando chega ao Brasil Manuel da Bouça vai em busca de um seu patrício, conhecido pelo sucesso da sua emigração, sofrendo a primeira desilusão: o sucesso não existia; a mentira nasceu da vergonha pela verdade.

*«– Mas tu não te tens dado bem?...
– Eu? Eu, não. Estou cá vai para cinco*

anos e o único dinheiro que tenho juntado são esses cem mil réis que mando à minha mãe, pelo Natal e pela Páscoa.

– Mas lá na terra todos te dão por estabelecido ...

Cipriano corou ligeiramente:

– Isso fui eu que mandei dizer... Todos nós mandamos dizer que estamos aqui muito bem, que é para a nossa família não se afligir e para não fazermos má figura junto dos conhecidos... [...]

Calou-se, os olhos fitos no chão, as mãos enlaçadas entre as pernas, como se o envergonhassem as próprias palavras. Manuel da Bouça contemplava-o sofregamente, ansioso por saber tudo, tão estranho lhe parecia o que ouvira. [...]

De novo se calou. Manuel da Bouça estava agora pensativo, vendo tudo em confusão; as cobijadas terras da margem do Caima, a sua casa, a mulher, a filha, o rosto do Cipriano, o do seu patrão, as ruas de Santos, lugares opacos, blocos negros que se iam desmoronando, lentamente, como num sonho.» (p. 124)

Manuel da Bouça resigna-se então a aceitar a proposta de emprego que antes rejeitara e parte para uma fazenda. No seu percurso procura sempre os que como ele falam português, numa estranheza da língua que o sotaque brasileiro cria. Ao chegar à fazenda o seu primeiro reconhecimento faz-se através da ilusão do conhecido:

«E foram precisamente os porcos, grunhindo na pocilga e assomando às tábuas o focinho redondo, escuro e voraz, que deram a Manuel da Bouça a certeza de que não se encontrava num mundo completamente diferente daquele que os seus olhos estavam habituados a contemplar. Também, logo a seguir, as galinhas que se espolinavam ao sol, na esplanada, e o pequeno milharal, que dali se vislumbrava, lhe pareceram velhos amigos, sorrindo-lhe familiarmente. O resto era desconhecido e cada árvore, cada pássaro, cada planta, as expressões dos seres e das coisas, surpreendiam-no pela novidade.» (p. 152)

«Os três italianos imitaram-no e, sob o mesmo pensamento, tiveram para ele um sorriso de fraternidade e compreensão. Próximo cantava um grilo, que era uma recordação da

terra em que eles nasceram, um laço transatlântico de insuspeitada emotividade.» (p. 154)

O emigrante quando chega à nova terra fica desamparado perante o desconhecido. Para Léon e Rebeca Grinberg o sentimento de desamparo é a vivência específica da emigração. Este sentimento tem as suas raízes na perda do ambiente humano e não humano que o envolvia; envolve uma regressão transitória à «Posição Esquizo-Paranóide» kleiniana, no limite entre a dor física e a dor moral. Léon e Rebeca Grinberg (1984) referem que o sentimento de culpa e a angústia são inevitáveis em toda a experiência migratória; são despoletados pela perda e pela necessidade de enfrentar novas situações e têm como consequência uma regressão transitória. As angústias são de três tipos: paranóide, confusional e depressiva.

A angústia paranóide surge ligada tanto ao medo pelas novas situações e pela vivência de falta de recursos para lhes fazer face, como ao trabalho de luto pela perda sofrida. A sua intensidade está estreitamente relacionada com as causas que originaram a migração: no caso de ter sido uma migração forçada por razões de sobrevivência a angústia persecutória será muito mais intensa do que no caso de uma migração voluntária. A angústia pode chegar a ter um carácter de verdadeiro pânico face às exigências do novo meio: a língua, os costumes, a procura de trabalho, a solidão, etc.

A angústia confusional é determinada pela dificuldade em diferenciar os sentimentos dirigidos ao antigo e ao novo país. Pode manifestar-se através da pretensão em transformar o desconhecido em algo familiar, como, por exemplo, encontrar rostos conhecidos nas ruas do novo país, etc.

A angústia depressiva é originada pela situação de perda e pelo medo de não se poder recuperar o que foi deixado. O específico deste tipo de angústia é a sua tendência à reparação. Corresponde à vivência do imigrante da sua condição de imigrante, ou seja, à posse de si próprio na condição de imigrante.

Estes três tipos de angústia existem sempre ao longo do processo migratório mas vão assumindo variações de intensidade, duração e evolução.

Vão originar um estado regressivo transitório e uma fragilização do ego.

Em Manuel da Bouça a angústia parece-nos constante e de qualidade persecutória.

Em relação à sociedade de acolhimento, as suas reacções vão facilitar ou dificultar em grande medida a integração e adaptação do imigrante. No Brasil, à sua chegada à fazenda os que estão lá há mais tempo acolhem os novos:

«Ele estava ali – disse – para o que fosse preciso, que uma pessoa chegada a terra que não é sua, é como se andasse às escuras.» (p. 156)

Tal como as pessoas deixadas e o próprio que emigra, a sociedade que acolhe é também um dos personagens que participa numa emigração. Confrontada com o novo que chega, o emigrante, a sua percepção desse novo condicionará a disponibilidade e a qualidade do seu acolhimento.

Na história de Manuel da Bouça o Brasil surge constituído predominantemente pelos que como ele próprio emigram e sobressai um sentimento de marginalidade e rejeição em relação aos naturais. No Brasil, como em Portugal, as nacionalidades são duas: os ricos, bafezados pela sorte e os pobres, vítimas dos ricos e do destino. O Brasil acolhe com desconfiança e desprezo os que chegam.

«Quando Manuel da Bouça se apresentou acompanhado por Cipriano, ao "guichei" da Inspectadoria de Imigração, o funcionário que o atendeu, trigueiro, magrote, com monóculo ao fim da larga frente, disse-lhe, repreensivo:

– Então, a Hospedaria, que anteontem não lhe servia, já hoje tem préstimo? Isto aqui é o país das nossas conveniências, hem?

– É que eu não sabia... – desculpou-se Manuel da Bouça.

– Não sabia!... Mas assim que viu que a árvore das patacas já não existia, soube logo! O que eu devia fazer era mandá-lo para a Agência de Colocação e lá que se aviessse! Se passasse dois meses à espera, era bem feito! Era o justo castigo...

Manuel da Bouça ouvia com humildade, expiando de cabeça baixa a sua falta. Enfadado, o censor acabou de rabiscar um papel e, por fim, entregou-lho:

– Pegue lá! É para o comboio das três e meia. Apresente-se na estação ao condutor da leva de imigrantes.» (p. 133)

Léon e Rebeca Grinberg focam como fundamentais factores internos ao sujeito particularmente a capacidade ou incapacidade de o sujeito estabelecer vínculos satisfatórios com o meio e a qualidade das suas relações objectais anteriores.

Quanto maior for o grau de maturidade emocional e afectiva atingida, mais capacidades terá o indivíduo de elaborar as mudanças, ao nível das perdas e do novo, que a migração implica. Um dos traços mais importantes decorrentes da maturidade no desenvolvimento emocional é a *capacidade de estar só* (Winnicott).

Na história de Manuel da Bouça há três momentos de ruptura: a partida da sua terra, rumo ao Brasil, a partida da fazenda onde primeiro trabalhou e onde se envolveu num relacionamento afectivo com uma mulher, Benvinda e a partida para Portugal. O quarto momento adivinha-se na tomada de decisão de não ficar em Portugal e de partir de novo. Todos estes momentos são consecutivos a rupturas: no primeiro momento a necessidade de enfrentar a ruptura com os seus ideais, no segundo momento a ruptura com Benvinda, perseguida do capataz que Manuel da Bouça não consegue defender; o terceiro momento a morte da mulher e a perda das suas terras, em Portugal. No quarto momento a incapacidade em aceitar a sua própria verdade. Em todas estas perdas sobressai um sentimento de impotência extremo, de um homem nas mãos do destino, invejoso do destino dos outros, zangado, orgulhoso e pobre.

A nostalgia vai ganhando força ao longo do tempo:

«Este período foi, para ele, o melhor dos que já passara ali e os colhedores, com as suas cantatas dolentes e os seus chapeirões claros adejando em redor dos cafeeiros, ao longo do suave declive, faziam-lhe lembrar as ceifas na sua terra – motivo agora de nostalgia.» (p. 162)

«Pouco a pouco, na paisagem tropical sobrepôs-se, para os olhos de Manuel da Bouça, a paisagem da sua terra – da sua aldeia esquecida num recanto de Portugal. E surgiam moinhos revestidos de heras, entre verdes amieiros, numa volta do Caima. Os

cafeiros iam-se transformando em giestas e as "ruas" do cafezal em ínvios caminhos, caminhos que guardavam em cada curva uma recordação de infância, uma saudade da adolescência: o primeiro diálogo de um namorado, o assalto ao pomar do Serrado, o jogo do botão com o filho do Pisco... "Que seria feito dele?" (...)

E nascia-lhe densa tristeza, desejo profundo de regressar, saudade nunca sentida tão intensamente. O sol de Portugal parecia-lhe, agora, mais branco e evocava-o a entrar-lhe pelas portas e janelas, a espairecer no quintal, a cobrir a aldeia inteira. "Naquele dia em que a Amélia punha maçãs em redor do forro, entrava tanto sol em casa!"» (p. 197)

Quando chega à sua terra Manuel da Bouça apercebe-se da mudança que se operou em si.

«Um momento, admitiu o seu regresso à enxada, ao cultivo do seu quintal, ao trabalho nos campos dos outros. Mas já não se via nitidamente na situação pretérita e parecia-lhe difícil impossível quase, adaptar-se de novo à sua vida de outrora. Sentia algo que não sabia explicar a si próprio, mas que o divorciava da terra; algo que se intrometia no seu espírito enquanto estivera longe, fazendo dele um homem diferente do que era antes de ir para o Brasil. Sentia-se quase um estranho ali e via tudo com olhos de quem não vem para ficar, de quem já não é capaz de ficar sem grande sacrifício.» (p. 278)

Depois da despedida, na viagem que o leva para Lisboa:

«Retomada a marcha e aliviado da obrigação de mentir, espraçou os olhos, em derradeiro adeus, pela freguesia. Veio-lhe, então, um desejo enorme de chorar – de chorar a sua vida inutilizada, o passado que não volveria, as ilusões que fora abandonando ao longo da áspera jornada. Sentia agora o irremediável, o tempo perdido, os anos em que se esgotara, avelhentando, correndo, correndo atrás da quimera fugidia. E estrangulava os soluços na garganta, para que ninguém os ouvisse.» (p. 289)

Para Léon Grinberg a culpa é um elemento sempre presente em qualquer luto. A perda, ao

tornar consciente a ambivalência origina sentimento de culpa. Por outro lado, cada perda é reportada a todas as perdas anteriores. Grinberg refere a existência de dois tipos de sentimento de culpa: a culpa persecutória e a culpa depressiva. Para este autor a análise do tipo de culpa presente é de grande importância para a compreensão da dinâmica e evolução da vivência psíquica.

Ao longo deste romance a sensação que se tem é que Manuel da Bouça cortou as ligações que tinha e se tornou num ser errante, em penitência ou não. E isto põe uma outra questão: poderá falar-se em culpa, neste caso? A culpa é muitas vezes inconsciente, e nesse sentido é provável que esteja presente. Mas a culpa é algo que diz respeito ao outro, que pode ser o próprio, e implica uma responsabilização. Manuel da Bouça externaliza tudo: o destino, as gentes, o poder político são os causadores da sua desgraça.

Léon Grinberg constata a existência de dois objectos de culpa, simultâneos: o objecto interno e o próprio self. A culpa persecutória parece ser um sentimento muito ligado à área do narcisismo, da sobrevivência própria através do outro ou pelo outro. A culpa depressiva seria o sentimento que a autoconsciência da agressividade e a responsabilidade própria perante esse sentimento originariam. A culpa depressiva corresponderia ao que usualmente se usa como culpa. A culpa, segundo a definição de Grinberg é um sentimento que nasce não de uma expectativa de futuro, como a angústia, mas de um facto realizado. A culpa é um sentimento direccionado para o passado; a angústia é um sentimento que se orienta para o futuro.

Culpa e angústia coexistem, tanto na sua qualidade persecutória como depressiva. O que torna a culpa persecutória ou depressiva? A responsabilização pelo dano causado, em princípio; mas o que subentende isto? A culpa persecutória transforma o objecto danificado em perseguidor; a culpa depressiva transforma o objecto danificado como o objecto eleito para ser reparado. Daqui se depreende que a culpa persecutória rompe a ligação com o objecto enquanto a culpa depressiva orienta no estabelecimento de uma relação de qualidade diferente com o mesmo objecto. Léon Grinberg dá como exemplo radical uma mãe que mata o seu bebé que chorava enquanto ela falava ao telefone: exasperada ela bate com o auscultador na cabeça do bebé até ele

se calar, e morrer. Para este autor, o que exasperou a mãe foi o choro do bebé que era o seu próprio choro e a sua incapacidade em responder-lhe tornou-o num perseguidor, alguém que continuamente lhe fazia lembrar a sua incapacidade em lidar com a angústia e a dor, em confortar. A culpa persecutória retira espaço ao objecto; esse objecto amado, odiado e danificado torna-se num marginal, sem espaço nem existência, irrompendo contra a lógica do sistema, tal como tudo o que é marginal. Não tendo existência nem espaço torna-se incontrolável e preside a todos os momentos como algo não esquecido, não apaziguado.

Assim, ligado à culpa persecutória estará o medo e à culpa depressiva a tristeza, medo e tristeza como pertencendo ao leque de sentimentos do repertório humano.

«A sua derrota e nostalgia eram, agora, perene motivo de irritação. Contra tudo: contra o meio, contra ele próprio. Mal-humorava-o aquilo que não pudera conquistar, via impossíveis em toda a parte e, às vezes, até se admirava de ter acreditado na riqueza, na posse das terras do Esteves, na compensação do seu trabalho.

Nunca da sua boca tinham saído, como agora, tantas palavras agressivas, tantas palavras amargas.

A ausência do extraordinário, que ele julgara existir na terra estranha, não sabia bem sob que forma, mas dando-lhe sempre uma expressão de oiro, tornara-o céptico e azedo.» (p. 214)

«Desde que não podia ser rico, não havia o direito de que os outros o fossem.» (p. 215)

«Fernandes já sabia que ele era precavido, voltado apenas para os interesses próprios – e não estranhou.» (p. 216)

Segundo Léon Grinberg a qualidade da culpa será essencial para a evolução do luto e, ampliando o tema, para a evolução da situação migratória, no que nesta situação existe de luto.

Para este autor, esta perspectiva seria também importante para o entendimento da patologia: a melancolia, a depressão, a psicose e, notadamente, a delinquência. Esta última associar-se-ia a uma culpa persecutória intensa e inconsciente, em correlação directa com a falta de escrúpulos e a insensibilidade aparente.

Léon e Rebeca Grinberg (1984) estabelecem três fases na evolução do processo migratório, equivalentes às fases do trabalho de luto:

A primeira fase, caracteriza-se por momentos de profunda desorganização originada pelo choque das perdas e pelo medo do desconhecido. Predomina um intenso sentimento de desamparo e de saudade. As angústias depressiva, confusional e paranóide estão sempre presentes, embora alternadamente possa predominar uma delas.

Nesta fase pode haver uma recusa da dor que se expressa por reacções e atitudes de tipo maníaco ou marcadamente paranóide. Pode dar-se a descompensação psicótica.

Numa segunda fase, depois de um tempo variável, o imigrante começa a reconhecer as suas perdas e os seus sentimentos antes negados por serem insuportáveis; a poder padecer da sua dor e pena. Ao mesmo tempo vai-se dando a lenta e gradual incorporação de elementos do novo meio, significando uma maior flexibilidade entre o mundo interno e o mundo externo e possibilitando, também, um aumento gradual dessa flexibilidade.

A nível do luto, L. Grinberg (1983) refere que nesta fase há ainda uma desorganização e um estado regressivo do eu, que se encontra incapaz de utilizar harmonicamente as suas funções e que oscila entre a continuidade e a descontinuidade. Esta regressão do eu é considerada como um processo ao serviço da reconstrução e não um fenómeno patológico: há uma regressão positiva, controlada, que permite a reorganização.

A clivagem do objecto é nesta fase muito importante: é a defesa contra a confusão, criando uma definição ilusória entre o bom e o mau, entre o perdido e o novo. A idealização é também um dos mecanismos predominantes, infiltrando as funções egóicas: a nível da memória, por exemplo, só são lembrados os bons vínculos com os objectos. Um dos perigos desta fase é a predominância de sentimentos de raiva e de ódio, como por exemplo o sentimento de triunfo: o processo de idealização fica entravado e o morto ou perdido transforma-se em perseguidor.

Numa última e terceira fase, a dor e o sentimento de desamparo atenuam-se; o imigrante possui agora novas referências que lhe permitem a recuperação do prazer de pensar, desejar e fazer projectos para o futuro; é alcançada a discriminação entre o passado e o presente; o passado

é vivido como passado e não como paraíso perdido a que se aspira voltar. O luto pelo que foi perdido foi feito, até onde é possível fazê-lo, e o que foi perdido foi recuperado numa outra forma: esquecido para ser recordado e sentido como uma parte de si sem que interfira na vivência do presente e nos projectos de futuro; o que foi perdido e abandonado ganhou um novo significado assim como originou novo sentido ao que o imigrante é.

Nesta última fase assiste-se a uma verdadeira vivência depressiva, com os mecanismos de reparação do objecto e do *self*.

BIBLIOGRAFIA

- Castro, F. de (s. d.). *Emigrantes*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Grinberg, L. (1983). *Culpa y depresión, estudio psicoanalítico*. Madrid: Alianza Editorial, S. A.

Grinberg, L., & Grinberg, R. (1984). *La psicoanálisis de la migración y del exilio*. Madrid: Alianza Editorial.

RESUMO

Neste artigo é feita uma breve abordagem de aspectos psicodinâmicos relacionados com o luto na vivência migratória e na história relatada em *Emigrantes* de Ferreira de Castro.

Para Léon Grinberg a qualidade da culpa é um dos factores importantes para a evolução do trabalho de luto e para a evolução da situação emigratória.

ABSTRACT

This paper analyses briefly the psychodynamic perspective of mourning in the migrating life experience and in the story which is told in *Emigrantes* by Ferreira de Castro.

For Léon Grinberg, guilt is one of the important factors for the evolution from a mournful condition and of the emigration situation.